

GOVERNO

BB e Caixa¹⁰ estendem seu braço político

Lafaiete e Mendonça entram em ação para ajudar o governo no Congresso

GUILHERME EVELIN

BRASÍLIA — Eles trabalham no dia-a-dia com cifras, mas seu autor de cabeceira não escreveu compêndios de economia. Como o ministro Marcílio Marques Moreira, eles preferem Maquiavel, o autor renascentista italiano que construiu a teoria de que para exercer o poder são justificáveis todos os meios. Ambos construíram carreira no Banco Econômico, do ex-presidente do Banco do Brasil Angelo Calmon Sá, mas os amigos apostam que têm projetos para a vida pública em 1994. Relacionados com o primeiro-amigo Paulo César Farias, o PC, e sintonizados com o governador baiano Ph.D. em política, Antônio Carlos Magalhães (PFL), eles são peças-chave do esquema político do presidente Fernando Collor.

"Eles são craques como a dupla Pelé-Coutinho dos áureos tempos do Santos Futebol Clube", compara o líder do PDC na Câmara, deputado Eduardo Siqueira Campos (TO). Lafaiete Coutinho, presidente do Banco do Brasil (BB), e Álvaro Mendonça, presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), transformaram-se em pontas de lança do Planalto no Congresso graças a um jogo de cintura que combina habilidade política e o poder de fogo das duas maiores instituições financeiras oficiais do País. São sempre acionados nas votações fundamentais para o governo.

Pelo telefone — O exemplo mais recente da atuação da dupla foi a implosão do "bloquinho" independente formado pelo PTB, PDS, PL e PDC na Câmara. Acionados pela tróica Jarbas Passarinho, ministro da Justiça, Ricardo Fiúza, ministro da Ação Social, e Jorge Bornhausen, secretário de Governo, Lafaiete e Mendonça congestionaram as ligações telefônicas entre o Setor Bancário Sul de Brasília — onde estão as sedes do BB e da CEF — e o Congresso para pedir votos a favor dos candidatos do Planalto nas eleições para a liderança do PDS e do PTB. "Dei uns telefonemas na eleição do PDS", reconhece o presidente do Banco do Brasil, ao admitir a interferência na disputa entre os deputados José Lourenço (BA), de orientação governista, e Victor Faccioni (RS), de posição mais independente.

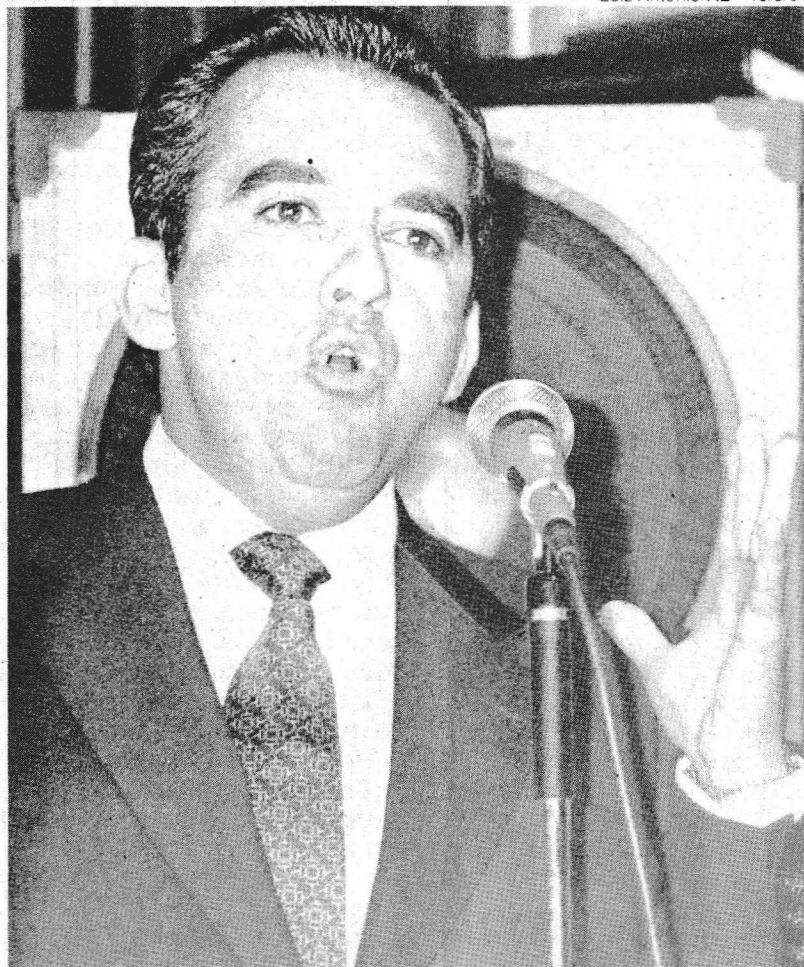
Faccioni queixou-se a amigos de que a intervenção de Lafaiete teve sabor de vingança pessoal. Há alguns meses, o presidente do BB rejeitou uma indicação do ex-líder do PDS

para a gerência de uma agência em Porto Alegre, nomeando para a vaga um eleitor do presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS). Magoado, Faccioni telefonou para Lafaiete. "Na próxima vez que eu tiver de pedir alguma coisa para o senhor, falarei com o Ibsen." O saldo da intervenção da dupla, segundo avaliação de líderes governistas, acabou provocando mais barulho do que resultados. "Eles não conseguiram mudar o voto de praticamente ninguém", diz um deputado do PFL.

Falhas e méritos — Não foi o primeiro curto-circuito nas interferências do BB no Congresso. No ano passado, na votação dos vetos presidenciais à política salarial, o deputado Paulo Hartung (PSDB-ES) foi surpreendido com um telefonema de Sidney Francisco Antônio, ex-superintendente do BB em seu Estado, pedindo voto a favor da manutenção dos vetos. Estarrecido, Hartung teve de comunicar ao ex-superintendente, com quem nunca conversara antes, que seu partido declarara-se em obstrução porque desejava a derrubada dos vetos.

As falhas não empanam o brilho político de Lafaiete e Mendonça. Um dos méritos da dupla é saber que os políticos, muitas vezes, mais do que ter pedidos atendidos, gostam de ser tratados com atenção. "A despeito da opinião geral, o dinheiro não constitui os nervos da guerra", tratou de grifar o presidente do BB no seu livro de cabeceira — **Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio**. Lafaiete segue a lição de Maquiavel à risca. Depois da derrota do deputado Gastone Righi para a liderança do PTB, Lafaiete procurou-o, em São Paulo, para consolá-lo: "Gastone, você perdeu a eleição, mas continua, como deputado, um líder para mim." Também Mendonça entende que "atender bem aos políticos não é favor ou virtude, mas obrigação".

Mas só atenção não rende votos. Um dos motivos da popularidade do presidente do BB no Congresso foi a mudança de orientação do governo em relação ao crédito rural, ponto forte da instituição. Seu antecessor, Alberto Policaro, ligado à ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, jogou duro com os agricultores e chegou a expulsar políticos do seu gabinete. A ida de Lafaiete para o BB coincidiu com a liberação de Cr\$ 3,8 bilhões para financiar a supersafra de 70 milhões de toneladas de grãos, o que lhe rendeu elogios especialmente na bancada do PFL.



Luiz Antônio/AE—16/5/91

Missão a cumprir

Mendonça, presidente da Caixa: "Atender bem os políticos não é favor ou virtude, mas obrigação"



José Paulo Lacerda/AE—21/6/90

Leitor de Maquiavel

Lafaiete, presidente do Banco do Brasil: "Dei uns dois ou três telefonemas na eleição do PDS"